

DE VILA SANTO ANTONIO A CASA DO PORTUGUÊS: O PATRIMÔNIO CULTURAL ENQUANTO FORMA SIMBÓLICA ESPACIAL INSERIDA NA PAISAGEM URBANA DE FORTALEZA - CEARÁ



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

From Vila Santo Antonio to Casa do Português: cultural heritage as a spatial symbolic form in the urban landscape of Fortaleza - Ceará

De Vila Santo Antonio a Casa do Português: patrimonio cultural como forma simbólica espacial en el paisaje urbano de Fortaleza - Ceará

Yan de Abreu Gomes Vasconcelos*¹

¹Laboratório de Estudos em Geografia Cultural, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza – Ceará, Brasil.

*e-mails: yancdz@gmail.com; yan.abreu@aluno.uece.br.

Artigo recebido em 16/11/2020 aprovado em 03/05/2022 publicado em 17/05/2022.

RESUMO

Estudar o patrimônio na geografia presume primeiramente conceber a paisagem não somente como o substrato natural, mas também como construção humana, impregnada de subjetividade, pois como afirma Berque (2004) a paisagem é ao mesmo tempo marca, pois corresponde as construções humanas desenvolvidas na transformação da paisagem; e matriz, pois participa dos esquemas de percepção humanas, correspondendo aos seus aspectos simbólicos. Esta concepção se faz essencial para os estudos do patrimônio, sobretudo, os materiais, pela geografia, pois estes se configuram como formas espaciais cristalizadas na paisagem, eivadas de significados adquiridos no transcorrer do tempo pelos diferentes grupos sociais que com eles conviveram. Desta forma, o presente artigo buscou compreender o patrimônio cultural como forma simbólica espacial, tendo como objeto de estudo a Casa do Português, localizada na Avenida João Pessoa, no bairro Damas em Fortaleza – CE, percebendo os múltiplos significados concedidos pelos moradores do bairro e por aqueles que transitam na região com relação a esta forma simbólica espacial.

Palavras-chave: Patrimônio Histórico. Paisagem Cultural. Formas simbólicas.

ABSTRACT

Studying heritage in geography presumes first to conceive the landscape not only as the natural substrate, but also as human construction, impregnated with subjectivity, because as Berque (2004) affirms, the landscape is at the same time a mark, since it corresponds to the human constructions developed in the transformation of the landscape; and matrix, because it participates in the human perception schemes, corresponding to its symbolic aspects. This conception becomes essential for the study of heritage, especially materials, for geography, since these are configured as spatial forms crystallized in the landscape, and are imbued with meanings acquired over time by the different social groups that have lived with them. In this way, the present article sought to understand the cultural heritage as a spatial symbolic form, having as object of study the Casa do Português, located on João Pessoa Avenue, in Damas, a neighborhood of Fortaleza - CE, realizing the multiple meanings granted by the local residents and by those who transit the region in relation to this symbolic spatial form.

Keywords: Cultural heritage. Cultural Landscape. Symbolic forms.

RESUMEN

El estudio del patrimonio en la geografía presume primero concebir el paisaje no sólo como el sustrato natural, sino también como construcción humana, impregnada de subjetividad, pues como afirma Berque (2004) el paisaje es, al mismo tiempo, marca, pues corresponde a las construcciones humanas desarrolladas en la transformación del paisaje; y matriz, pues participa de los esquemas de percepción humana, correspondiendo a sus aspectos simbólicos. Esta concepción se hace esencial para los estudios del patrimonio, sobre todo, los materiales, por la geografía, pues éstos se configuran como formas espaciales cristalizadas en el paisaje, eivadas de significados adquiridos en el transcurso del tiempo por los diferentes grupos sociales que con ellos convivieron. Por lo tanto, este artículo tuvo como objetivo comprender el patrimonio cultural como una forma simbólica espacial, teniendo como objeto de estudio la Casa de portugués, que se encuentra en la Avenida João Pessoa, en el barrio Damas en Fortaleza - CE, dándose cuenta de las múltiples significados otorgados por los residentes del barrio y por aquellos que transitan en la región con relación a esta forma simbólica espacial.

Descriptor: Patrimonio cultural. Paisaje Cultural. Formas simbólicas.

INTRODUÇÃO

O patrimônio cultural material tornou-se alvo de diversos estudos dentro da esfera das ciências sociais nas últimas décadas. Essa ânsia pela preservação e, sobretudo, pela valorização desses objetos do passado talvez encontre explicação na notória perda da memória e cultura que assombra as grandes e médias cidades do país. Tais estudos têm contribuído para o estabelecimento de diversos olhares e possibilidades de análise desses bens, seja do ponto de vista histórico, antropológico, sociológico, bem como, geográfico.

A assimilação da temática do patrimônio cultural pela ciência geográfica, sobretudo, pela geografia cultural a partir da década de 1990, permitiu compreender essas antigas formas como reminiscências das progressivas modificações executadas pelo homem sobre a natureza. Sendo um construto humano, essas formas estão permeadas de sonhos, de emoções, de intencionalidades, e por possuírem um caráter de permanência na paisagem, estas acabam sendo envoltas de uma camada de significados atribuídos pelos diversos grupos sociais vivenciam esses objetos. Em outras palavras, além de sua materialidade, o patrimônio é composto por uma densa dimensão subjetiva e simbólica.

Desta maneira, o artigo tem como objetivo analisar e compreender o patrimônio cultural enquanto

forma simbólica espacial, tendo como foco de análise a Casa do Português, localizada no bairro Damas em Fortaleza – CE, visando perceber os múltiplos significados concedidos pelos moradores e os transeuntes que perpassam aquele bairro durante sua dinâmica cotidiana, além de apreender a Casa do Português através da construção de representações sociais.

Para a obtenção e interpretação desses diversos significados, optou-se pela a utilização de entrevistas semiestruturadas, na qual foram abordados dois diferentes grupos: os *insiders*, aquelas pessoas que moram ou trabalham no bairro Damas e vivenciavam diretamente a realidade de nosso objeto de estudo; e os *outsiders*, aquelas pessoas que apenas transitam pela frente da casa em seus trajetos cotidianos, seja através da utilização de carros, motos ou ônibus.

O artigo será dividido em três momentos. Inicialmente trabalharemos o conceito de paisagem cultural, priorizando o entendimento das formas simbólicas espaciais e sua relação com o patrimônio cultural. No segundo momento trataremos uma análise e caracterização de nosso objeto de estudo, a Casa do Português, uma singular residência presente no tecido urbano de Fortaleza construída na década de 1950. Por último, nos debruçaremos no desenvolvimento da pesquisa, detalhando o procedimento metodológico aplicado e os resultados obtidos, em outras palavras, os

diversos significados vinculados pelos moradores do bairro e seus transeuntes àquela forma espacial.

MATERIAIS E MÉTODOS

O resgate histórico realizado nos permitiu lançar uma luz de compreensão sobre o processo de construção da Casa do Português e o cenário em que se encontra atualmente. Entretanto, somente o levantamento histórico não permite apreender a dimensão simbólica que é atrelada a ela.

Desta forma, por se tratar de uma análise de aspectos subjetivos incorporados a formas espacialmente concretizadas, ou ainda, por se tratar de uma relação pessoal entre observador e objeto, na qual este o representa e lhe atribui significados embasados em suas experiências, vivências, memórias e emoções, a aplicação de métodos quali-quantitativos, como exemplo a aplicação de questionários, não permitiria extrair de cada personagem a essência dessas relações simbólicas, com isso foi eleita para o melhor desenvolvimento desta pesquisa a técnica qualitativa da entrevista.

Partindo do pressuposto do processo de significação se dá a partir da visão dos que vivenciam determinado objeto, os *insiders*, como também daqueles que o observa de fora, numa visão distanciada e desprovida de laços mais profundos com o mesmo, os *outsiders*; foram realizadas entrevistas com dois diferentes grupos de indivíduos, o primeiro consistiu naquelas pessoas que moram ou trabalham no bairro Damas, nos arredores da Casa do Português. O segundo grupo se constituiu por aquelas pessoas que não vivenciam o objeto; são aqueles que transitam ou perpassam pela frente da casa em seus trajetos cotidianos, seja através da utilização de carros, motos ou ônibus. A entrevista se desenvolveu de forma semiestruturada com o estabelecimento de algumas

perguntas-chaves que serviram de guia para a obtenção de melhores resultados.

Com a intenção de preservar a identidade dos entrevistados, seus verdadeiros nomes não foram divulgados no corpo de trabalho. Para a distinção das falas, optou-se pela utilização de uma referência a sua ocupação profissional, acrescido das iniciais dos nomes de cada um, como por exemplo, “comerciante ABC”, “estudante XYZ”. Todas as entrevistas foram concedidas por meio da assinatura de um termo de consentimento livre e esclarecido - TCLE, na qual estavam dispostos os objetivos da pesquisa, a forma pela qual esta seria colhida e os meios de contato; e foram colhidas por meio de audiogravação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Breve conceituação da paisagem cultural.

A geografia humana surge na virada do século XIX para o XX trazendo novos olhares sobre a geografia. Dentre os fenômenos na qual se propõe desenvolver suas linhas teóricas e metodológicas a paisagem ocupou um lugar de destaque, sobretudo com os estudos desenvolvidos por Carl Sauer que tiveram seu ápice no primeiro quartel do século vinte. Sauer mantinha grande apreço pelos estudos em paisagem e creditava a esse conceito a importância de ser o objeto de estudo da ciência geográfica.

O autor, dessa maneira, concebia paisagem como sendo uma parcela da superfície da Terra, cujo processo de modelagem se procedeu com a influência de agentes físicos naturais, bem como, das construções humanas. Para ele a paisagem pode ser definida como “uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais” (SAUER, 2004, p. 23).

Ao reconhecer o viés duplo dos agentes moduladores da paisagem, Sauer sinaliza a ocorrência de duas vertentes de paisagens, uma original e outra

modificada. Como, o mesmo, pontua em seus estudos morfológicos, a paisagem se constitui como sendo uma unidade bilateral, formada por uma paisagem natural, oriunda dos processos que deram feição a superfície terrestre, e por uma dita, cultural, advinda das modificações causadas pela presença do homem no meio natural.

Nos reportando à paisagem cultural que nos guiará em nosso embasamento conceitual, Sauer (2004) explica que esta paisagem está inserida em um contexto sócio-espacial que é consoante ao surgimento do homem suas ações sobre a superfície da Terra. É uma paisagem construída, na qual representa todas as obras e modificações que o homem faz no seu envolvimento com a paisagem natural, são “as marcas do homem na paisagem” (SAUER, 2004, p. 57). Nesse contexto, o autor trabalha a paisagem cultural como sendo o resultado de um processo na qual a cultura é o agente e a área natural, o meio; e que a mesma está em constante mudança, pois a cada nova cultura, uma nova paisagem surge, sobrepondo-se ao que restou da antiga.

O grande diferencial dos estudos de Carl Sauer se encontra na capacidade de analisar a paisagem não somente como algo, em quase sua plenitude, natural, mas também visualizar as ações de origem humana como componente ativo no processo de construção de novas paisagens ou modificação das existentes.

Entretanto, com a evolução da ciência e o estabelecimento de novas linhas de pensamento, o trabalho de Sauer passa a sofrer duras críticas. Sua linha de trabalho, assim, permanece influente na geografia humana até meados da década de 1940 quando entra em desuso. Este período também marca a fase de decadência da geografia cultural que ficaria sem estudos relevantes até a década de 1970, quando ocorre o surgimento de um novo movimento que visava reformular o pensamento geográfico, emergindo assim

a Nova Geografia Cultural ou Geografia Cultural Renovada.

A nova geografia cultural se notabilizou ao adicionar novas metodologias e perspectivas de abordagem aos estudos da paisagem. Essa nova proposta de visão trouxe o simbolismo da paisagem para o rol das análises da geografia. Segundo Coelho (2010), A geografia cultural renovada retoma os pensamentos de Sauer, ampliando-os. Enquanto o autor abordava a paisagem apenas por uma perspectiva, a morfológica, e tendo a descrição das formas como metodologia primordial, a nova geografia cultural trabalha a paisagem sob os mais diversos vieses temáticos e metodológicos. Para a autora:

A nova geografia cultural busca compreender a simbologia da paisagem com uma proposta de análise que utiliza algumas habilidades interpretativas empregadas no estudo de obras literárias, pintura, música e cinema tratando-a como uma expressão humana intencional, composta de muitas camadas de significados representados a partir de diferentes grupos sociais. (COELHO, 2010, p.10).

Nessa nova perspectiva da geografia cultural, os geógrafos anglo-saxões estiveram na vanguarda dessas pesquisas, com destaque para James Duncan e Denis Cosgrove. Duncan (2004) teve papel destacado na análise das paisagens em uma perspectiva mais subjetiva, levando em consideração o teor simbólico inerente a ela, suas nuances imperceptíveis à “observação desinteressada” (DUNCAN, 2004), do que seus aspectos visíveis.

Nesta perspectiva, Duncan concebe a paisagem como sendo um texto, um conjunto ordenado que atua como um sistema de criação de signos por onde um sistema social ou cultural é transmitido, experimentado, reproduzido e explorado (DUNCAN, 2004). Para compreender esse posicionamento, o autor

explica que primeiro é de extrema importância entender essa significação ocorrente na paisagem e como se dá esse processo. Para compreender essa significação da paisagem, o autor recorre a três vertentes de questionamentos. A primeira reporta-se a analisar a paisagem daqueles que vivenciam a paisagem, procurando compreender como aquela aparece ao olhar daqueles que a vivenciam no seu cotidiano e a importância que é conferida a ela.

A segunda corresponde aos relatos daqueles que não vivenciam, os “*outsiders*”, que possibilitam uma análise desprovida de qualquer ideologia que por ventura possa existir entre os que vivenciam a paisagem (*insiders*). A última compreende a apreensão dos sistemas de significação que se localizam subjacente a paisagem, em outras palavras, refere-se às ideologias e práticas culturais que se encontram incorporados a paisagem.

As paisagens então são organizadas e construídas visando transmitir uma mensagem, geralmente invisíveis à olhos despretensiosos, seja através da disposição das ruas de uma cidade ou através da construção de formas cívicas, arcos ou palácios cuja recepção e entendimento, estão sujeitas às mais variadas interpretações, cabendo ao geógrafo cultural interpretar e decodificar no campo das subjetividades e representar a paisagem de forma mais próxima da realidade.

Consoante ao pensamento de Duncan, Cosgrove (2004) também pensa uma geografia cultural dimensionando o conceito de paisagem para além das formas visíveis. Para o autor, a paisagem é vista como um texto, na qual cada palavra ou expressão pode representar um significado diferente dependendo da cultura de quem o ler. Sendo assim, paisagem se configura em uma polissemia de significados, um palco

onde diversas culturas convergem e convivem, atribuindo às formas suas visões culturais.

Para Cosgrove (2004) todas as paisagens são simbólicas pois são frutos da transformação da natureza pelas mãos humanas, mesmo que o significado empregado nos símbolos não seja de fácil visualização e compreensão. Como o mesmo afirma “o simbolismo é mais facilmente apreendido nas paisagens mais elaboradas – a cidade, o parque e o jardim – e através da representação na pintura, poesia e outras artes” (COSGROVE, 2004, p.108), mas não exclusiva delas, o simbolismo, portanto irá estar presente nas paisagens mais simples, isto é, nas paisagens “vernaculares” como nomeia Duncan (2004), podendo estar presente também nas paisagens rurais ou ainda nas formas naturais.

Neste contexto, o autor agrupa essas paisagens em dois grupos, as paisagens dominantes e as alternativas, onde se englobam as paisagens residuais, emergentes e dos excluídos. Em nossa pesquisa nos detemos a paisagens residuais que são aquelas que em algum tempo possuíam seu significado, mas que foram sendo modificadas e atualmente já não tem muito de seu significado original (COSGROVE, 2004).

Outro geógrafo que deu grande contribuição aos estudos da paisagem cultural foi Augustin Berque, através de seu conceito de paisagem-marca e paisagem-matriz. Em sua análise sobre o conceito de paisagem, Berque (2004) afirma que a paisagem é “marca”, pois se constitui como expressão de uma civilização, é o reflexo efetivo das transformações do homem sobre a natureza. E a paisagem é “matriz”, pois “participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja – que canalizam em certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza” (BERQUE, 2004, p.85). Nesse sentido a paisagem como age como importante veículo na transmissão de uma cultura, ao

refletir à relação do homem com a natureza, mas não somente de forma visível, comportando diversos símbolos e significados.

O movimento da geografia cultural renovada possibilitou novas visões sobre conceitos chave na geografia, principalmente paisagem e lugar, mas, sobretudo, possibilitou uma abertura da ciência geográfica, fomentando diálogos com outras ciências como a antropologia, sociologia, psicologia, história, entre outras. Este maior diálogo com outras ciências sociais permitiu a adição de outros objetos ao repertório geográfico, surgindo então estudos relacionando as pesquisas geográficas com a música, literatura, arte, possibilitando também a compreensão de formas simbólicas espaciais que compõem o estudo do patrimônio natural e cultural enquanto fenômeno da espacialidade, que foi foco de nossa pesquisa.

Patrimônio e Paisagem: o estudo das Formas Simbólicas Espaciais.

O patrimônio se constitui como componente nas paisagens cotidianas seja nas paisagens das grandes cidades ou nas vastas paisagens rurais. Contudo, mesmo com as paisagens sendo objeto de intensa discussão e pesquisa no âmbito da ciência geográfica, o estudo do patrimônio pela geografia é uma atividade recente, como explica Corrêa (2007a). Historicamente, a temática sobre o patrimônio sempre esteve no conjunto de interesses dos estudos das diversas ciências sociais, sobretudo a História, entretanto, o interesse pela temática somente ganha força no interior dos estudos geográficos com o movimento da geografia cultural renovada na década de 1980.

Os esforços empreendidos pela nova geografia cultural em analisar a paisagem como um campo de produção simbólica possibilitou a inserção do patrimônio como objeto passível de análise na esfera

geográfica. Corrêa (2007a) salienta que os patrimônios se configuram como formas que possuem uma localização fixa e em um período de longa duração, em outras palavras, os patrimônios são formas que se cristalizam na paisagem, se perpetuando através dos tempos. Somado a isso, os patrimônios se configuram como portadores de um caráter simbólico que os transforma em um importante veículo de transmissão de valores, crenças e significados. Sendo assim, estas formas possuem “um papel fundamental na criação e permanência de determinadas paisagens urbanas, impregnando lugares de valores estáticos e simbólicos.” (CORRÊA, 2007a, p.11), contribuindo dessa forma para os estudos da paisagem pela geografia.

Dessa maneira, Corrêa (2007b) indica que estas formas singulares localizadas no interior das paisagens devem ser concebidas como sendo formas simbólicas espaciais. Estas são simbólicas, como explica o aquele autor, por que correspondem ao resultado da relação intrínseca entre homem e objeto, na qual o objeto é observado e experimentado pelo sujeito e a partir de sua experiência o sujeito atrela a esse objeto um conceito, uma função ou então uma nomenclatura. Nesse sentido a forma atua como significante, é aquilo que é experimentado, e passível de significação e, por sua vez, a estrutura conceitual que é agregada a essa forma corresponde aos significados. Como uma estrutura simbólica e fruto das atividades cognitivas humanas, essas formas estão sujeitas a diferentes interpretações e significações garantindo assim, um caráter de polivocalidade. (CORRÊA, 2007b).

Essas formas simbólicas adquirem a espacialidade ao se constituírem como fixos e possuírem fluxos que perpassam por elas, ou em outras palavras, sua espacialidade está relacionada a sua

localização e seus itinerários. Nesse sentido, Corrêa (2007b) explica que para as formas simbólicas espaciais se realizem em sua plenitude elas dependem de sua localização e do itinerário que cada uma apresenta. Como objetos eivados de significados que são, estas necessitam está em constante contato com o sujeito para assim adquirirem sua carga simbólica, logo sua localização é de extrema importância para o processo de significação. Estas necessitam, sobretudo, de sua visibilidade e de uma boa acessibilidade.

Desta forma os patrimônios culturais materiais, palácios, catedrais, estatuas, monumentos cívicos, se comportam como formas simbólicas espaciais, pois estes correspondem a uma obra arquitetada pelas mãos do homem, cuja função, entre outras, é a transmissão de uma mensagem. Sua preservação através de diferentes períodos históricos garante a permanência desta mensagem sempre viva na mente e na memória das novas gerações. Elas correspondem a espacialização de uma ideia, de um conceito, de uma crença, de uma raça. (RODRIGUES, 2012).

Nesse contexto, objetivamos desvelar e interpretar esses significados que permeiam essas formas simbólicas espaciais, tomando como objeto de análise, um dos bens presente no acervo patrimonial da cidade de Fortaleza, a Vila Santo Antônio, popularmente conhecida pelos fortalezenses como Casa do Português.

Vila Santo Antônio, a “Casa do Português”.

A Vila Santo Antônio, também denominada de Casa do Português, se enquadra no conjunto de residências e prédios que resistem as intempéries do tempo e a ação destrutiva da modernidade, constituindo - se, assim, parte da vida cotidiana de diversos grupos que por ela transitam ou a vivenciam, uma relação entre

um fixo e fluxos, ou ainda, entre uma localização e diversos itinerários simbólicos, como cita Corrêa (2007b) que possibilita o desenvolvimento de uma dimensão simbólica e a inserção da mesma no processo de construção de memórias individuais e coletivas.

Com a sua construção iniciada em meados de 1950, foi inaugurada no dia 13 de junho de 1953, concluindo um projeto visionário do senhor José Maria Cardoso, português de origem, mas que escolheu o Brasil, e mais especificamente o estado do Ceará para tentar construir sua vida e alcançar seus sonhos. A data escolhida para essa inauguração simbólica foi o dia 13 de junho, dia em que se comemora o dia de Santo Antônio de Pádua, um dos santos mais populares em Portugal, bem como no Brasil. Sendo assim, o nome oficial da vila se constitui em uma homenagem a esse importante personagem católico.

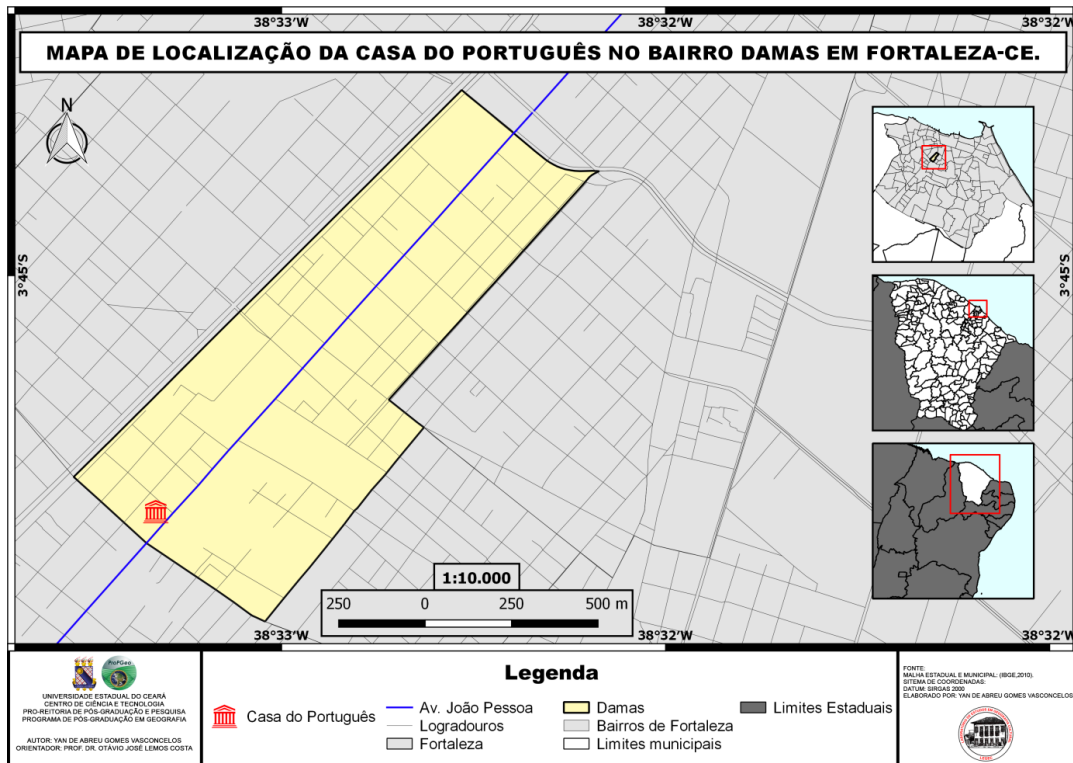
Localizada a altura do número 5094 da Avenida João Pessoa (figura 1), sua inauguração se tornou um verdadeiro espetáculo visual como demonstra a reportagem de Paulo Maia veiculada no jornal “O Povo” no dia 13 de junho de 1953 . Para a ocasião foram instaladas 400 lâmpadas que lançavam luz sobre a estrutura arrojada da residência construída pelo lusitano. A beleza do conjunto visual encantava a quem passava por sua entrada, sendo comparada por Maia (1953) a um lugar merecedor de ser palco de uma das histórias de “mil e uma noites”, tradicional conto do folclore árabe. A figura 2 apresenta fotografias da Casa do Português em meados da década de 1950.

Em sua construção foram gastos um total de 29 mil sacas de cimento, em sua estrutura, bem como ornamentação, foram utilizadas 540 toneladas de ferro, 180 mil tijolos e um total de 40 mil latas de cal. (AZEVEDO, 2005). Maia (1953) pontua que a maior parte da estrutura física da construção é feita de concreto, justificando desta forma a utilização de

somente 180 mil tijolos em suas paredes internas, que segundo o repórter, seria a quantidade necessária para a construção de qualquer residência de dois

pavimentos, como espaço o bastante para se viver confortavelmente.

Figura 1. Mapa de Localização da Casa do Português.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Ainda segundo Maia (1953), quase metade das sacas de cimento utilizadas tiveram como destino a construção das duas rampas que se localizam nas laterais da residência, essas que correspondem ao maior diferencial do projeto e que atraem os olhares de quem por ali transita. Ao fim da empreitada, estava construída uma imponente residência de três pavimentos, possuindo o número de vinte quartos, nove banheiros, três cozinhas, seis salões, e ao longo de toda a sua área, aproximadamente quinhentos metros de corredores.

Em 1962, José Maria Cardoso decide alugar dois dos três pavimentos para a alocação do empreendimento do empresário Paulo de Tarso, uma boate que ficou conhecida como “Boate Portuguesa”. (NOBRE, 2015). A boate foi inaugurada no dia 30 de

junho daquele ano e funcionou até o ano de 1965. Neste mesmo ano, a Vila Santo Antônio passa a abrigar a sede da Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural – ANCAR.

Figura 2. A Vila Santo Antônio na década de 1950.



Fonte: Arquivo Nirez.

Em 1976, a ANCAR dá lugar a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará – EMATERCE, permanecendo com sua sede na Vila Santo Antônio, local onde funcionou até o ano de 1986. Durante a permanência da EMATERCE na residência causou diversas modificações estruturais em seu interior, como a construção de paredes divisórias e a criação de novas salas e compartimentos. Contudo, sua fachada externa foi mantida sem nenhuma modificação.

Após a desativação da sede da EMATERCE, a Vila Santo Antônio sofreu por um processo intenso de refuncionalização, passando a abrigar diferentes empreendimentos como uma oficina mecânica, um estacionamento e por fim, abrigando um cortiço. (NOBRE, 2015). Com a estrutura bastante degradada pela ação corrosiva do tempo, a falta de manutenção periódica e a presença de inúmeras pichações ao longo de sua fachada, a Casa do Português atualmente se encontra bem distante do esplendor e beleza do período em que foi construída na década de 1950.

No ano de 2006, durante o primeiro mandato da prefeita Luizianne Lins é estabelecido o tombamento em caráter provisório da Casa do Português segundo o decreto N° 11964 de 11 de Janeiro de 2006, na qual ficavam garantidas todas as medidas protetivas inerentes ao tombamento efetivo até que se finalizasse o processo administrativo do tombamento. Somente no ano de 2012 o processo é finalizado e sob a determinação do decreto n° 13.036 de 10 de Dezembro de 2012 se estabeleceu o tombamento definitivo da Casa do português. A figura 3 apresenta a Casa do Português nos dias atuais.

Casa do português e seus múltiplos significados.

Após a realização das entrevistas e de uma análise mais aprofundada sobre os relatos cedidos pelos que vivenciam o bairro, concluiu-se que estes tem para si a Casa do Português não somente como

mais uma residência construída, mas sim como parte importante da história do bairro Damas, bem como da cidade de Fortaleza como um todo. Para a maioria dos entrevistados, a casa representa uma marca do bairro, sua principal referência para aqueles que vêm de outras localidades da cidade ou de municípios adjacentes à Fortaleza. Para eles, a casa refere-se à identidade do Damas.

Figura 3. Casa do Português nos dias atuais.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2018.

Para a comerciante e dona de casa A., moradora do Damas por mais de 40 anos, a Casa do Português ou Prédio do Cardoso, como a mesma costuma se referir, é um ponto de referência que os moradores têm muito apreço, principalmente para localizar o bairro para aqueles que vem de outros lugares:

Muita gente quando vem aqui pra esse bairro, que vem de Maranguape... esse lugarzins afastados, aí diz 'aonde é?', qual é o ponto de referência? É o prédio do Cardoso, é o prédio do português, né, que é o mesmo prédio... aí são dois nomes, prédio do Cardoso e o português, né... Cardoso era uns dos donos... o português foi o primeiro dono e Cardoso era o filho do português, certo... aí quer dizer, é um ponto de referência que o povo procura muito, PRÉDIO DO PORTUGUÊS, PRÉDIO DO CARDOSO, aí ficou na história, né... e o povo gosta... e você pode ver que é um prédio bonito, viu, muito bonito, só que ele tá estourado... uma pintura, uma coisa assim, ele ficaria bem... né! Ele tá precisando de uma reforma. (COMERCIANTE A.).

Consoante ao pensamento da comerciante A., o vendedor F. A. reafirma sua importância como ponto de referência para o que passam pelo bairro:

É assim tipo um ponto de referencia... se fosse reformado ficava bonito isso aí... muita gente que vem de longe, conhece o prédio do cardoso, sabe aonde é... foi muito bonito antigamente, eu não alcancei não, mas era muito bonito aí... (VENDEDOR F. A.).

Alguns entrevistados demonstraram ter consciência da Vila Santo Antônio enquanto um verdadeiro patrimônio que guarda muito da história do bairro e que merecia ter um melhor tratamento por parte dos atuais donos, ou mesmo, por parte do governo estadual e municipal. Para o dono de banca de revista J. a Casa do Português é um:

Patrimônio histórico para todos nós, eu creio que pra toda população né... agora o governo deveria investir mais aí, mas não investe, só investe quando tem retorno pra ele... diz que a prefeitura tombou isso aí, tá tombado pela prefeitura, dizem né... (DONO DE BANCA DE REVISTA J.).

E o mesmo ainda ressalta:

Isso era para ser um ponto turístico... disseram que ia ser uma biblioteca aí... rapaz... é tanta conversa, tanta conversa... disseram que iam fazer uma academia no meio e um supermercado em baixo... é os comentários que rolam aqui, que o pessoal comenta. (DONO DE BANCA DE REVISTA J.).

Partindo para a análise do segundo grupo de entrevistados, para maioria dos entrevistados, a casa se configura como guardiã de parte da história da cidade de Fortaleza e conseqüentemente uma peça de extrema importância na construção da história e identidade do bairro Damas. Apesar de não conhecerem profundamente a história do bairro, estes acreditam que essa edificação guarda em suas paredes manchadas e em suas grades enferrujadas, muitas histórias e vivências que juntas contribuem para a construção do mosaico que é a história de um bairro.

Para o estudante L. M., a casa representa uma forma de se ler a história do bairro e o processo de construção da cidade de Fortaleza:

Pelo que eu sei um pouco, ele representa muito a história do bairro, o processo de construção de Fortaleza... então assim... você olhar pro prédio, é você se questionar o quê aquela casa, aquele prédio, tem a te dizer. É você partir para um questionamento para você entender a história do bairro, das casas que aí se encontram... pra mim o prédio representa, principalmente esses prédios mais antigos, a história do lugar. (ESTUDANTE L. M.).

Por sua vez, a estudante B. S. representa a casa como um patrimônio histórico eivado de histórias, que contam muito do que é o bairro Damas e desta forma merece ser preservado:

Eu considero um patrimônio porque existiu aí uma história e motivações... daquela casa que foi construída... então eu considero um patrimônio que deve ser preservado... até porque aí no entorno não existe né, casa antigas como aquela, tem umas casinhas menores ,mas que me disseram que datam depois da Casa do Português, que já tem outro modelo... da construção... mas eu tenho curiosidade de saber da história da casa, porque já me disseram que serviu de várias formas na época... por isso a importância da preservação do patrimônio, né... até mesmo de ser um espaço cultural e público da cidade. (ESTUDANTE B. S.).

Consoante ao pensamento da estudante B. S., o estudante G. A. também considera a Vila Santo Antônio como um patrimônio histórico e como ponto de referência:

Um patrimônio histórico, assim como qualquer outro em outro bairro de Fortaleza, porque assim... como eu não tenho muito contato com a casa, com a sua história, uma convivência diária... é como fosse um patrimônio como, por exemplo, do centro, da Messejana, da Parangaba... é um patrimônio histórico. [...] é uma casa bonita que chama muito a atenção, é um ponto de referência, porque até eu que não sou do bairro sei que aquilo aí é um ponto de referência, porque todo mundo chama o Prédio do Português, né... 'você mora aonde? Ah moro perto do prédio do Português. (ESTUDANTE G. A.).

Por fim, a maioria expressou o desejo de vê-la completamente restaurada e usufruindo de uma nova função que permitisse que ela fosse utilizada visando o bem estar não somente da população do bairro Damas, mas também a população de toda cidade de Fortaleza. Para o estudante L. M. o melhor fim que a casa poderia ter seria o de um espaço onde pudesse ser exposto e contado a história do bairro:

Já pensou se a casa fosse restaurada, se tivesse um local onde fosse contada a própria história do bairro, onde fosse resgatada a história do processo de construção do bairro. (ESTUDANTE L. M.).

Para o estudante G. A., a casa deveria sofrer um processo de restauração, mas que não ficasse somente nesta ação, que a casa pudesse dar abrigo algum órgão ou instituição que beneficie os moradores do bairro:

É uma referência para as pessoas que moram lá e vê-lo totalmente restaurado, vai ser uma enorme alegria porque é uma casa muito bonita e dá uma nova função a ela vai enfatizar ainda mais como ponto de referência... porque se ele já um ponto de referência no estado que está, num estado bem degradado, imagine numa reforma e com uma função... e principalmente na questão da função, porque não é só você... reformar por reformar e deixa lá, tem que ter uma função e principalmente uma função que sirva aos moradores, que seja algo que os moradores desejam. (ESTUDANTE G. A.).

Desta forma, concluiu-se que a Casa do Português constitui-se em uma forma simbólica espacial, dotada de múltiplos significados atribuídos pelos diversos personagens que convivem de forma direta, residindo em seu entorno, ou de forma indireta, sendo apenas transeunte daquele bairro. Para os que moram no bairro, a Casa do Português significa uma marca, uma referência para o bairro, parte constituinte da identidade daquela localidade. Para os que passam,

a casa é um patrimônio importante para a preservação da memória do bairro e da Cidade.

CONCLUSÃO

Finalizado as análises das entrevistas com os moradores e transeuntes que vivenciam a sua maneira a realidade do bairro Damas e o contexto urbano em que se localiza a Vila Santo Antônio, constatou-se que esta se constitui como um efetivo exemplo de forma simbólica espacial, pois se caracteriza por ser forma espacial cristalizada em meio a paisagem urbana de Fortaleza, na qual possui uma dimensão simbólica embutida, fruto do processo de criação de significados realizado por cada sujeito que vivencia, seja de forma intensa ou irrisória, a realidade dessa residência.

A Casa do Português dessa forma se converte em um signo, possuindo uma gama de diferentes significados a ele atrelado. Essa polissemia ficou nítida no processo de produção dessa pesquisa, sobretudo na execução das entrevistas como os diversos sujeitos que de alguma forma se relacionam com o presente objeto de estudo. Analisando os diálogos registrados, percebeu-se que a Casa do Português possuiu ao mínimo, três diferentes significados atribuídos pelos moradores e transeunte do bairro. O primeiro significado observado, e também o mais representado pelos entrevistados, compreende o objeto analisado como sendo um ponto de referência para o bairro, um local em que todos conhecem e que se utilizam para se localizar no momento de diálogo com pessoas externas ao bairro, pois sabem que ao passar pela residência eles estão passando pelo coração do bairro Damas.

O segundo significado observado encontra-se estritamente ligado ao primeiro, pois para alguns a Casa do Português se comunica diretamente à identidade daquela localidade. Por fim, o terceiro significado concebe a Casa do Português como um

patrimônio histórico que guarda em sua estrutura resquícios da história e memória do bairro.

Acreditamos que a pesquisa concluiu com êxito os objetivos traçados e cumpriu o papel de fomentar as pesquisas na Geografia Cultural, sobretudo, as pesquisas que tem como objetivo estudar o patrimônio cultural pelo viés da geografia, além de lançar uma luz nas discussões acerca da preservação do patrimônio histórico seja no ambiente urbano, quanto rural, uma temática atual que precisa ser discutida e analisada em todas as esferas políticas e sociais.

Todos os autores declararam não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. Â. de (NIREZ). **Cronologia Ilustrada de Fortaleza: roteiro para um turismo histórico e cultural**. Fortaleza: UFC, Casa de José de Alencar Programa Editorial. 2005.

BERQUE, A. Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 84-91.

COELHO, L. C. ; O Tempo e a Paisagem: um olhar através de suas dimensões culturais. In: **1º Colóquio Ibero-americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto**, 2010, Belo Horizonte. 1º Colóquio Ibero-

americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto, 2010.

CORREA, R. L.. Uma sistematização da análise de monumentos em geografia. **Terra Plural**, v. 1, p. 9-22, 2007a.

CORREA R. L.. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **GEOgraphia**, v. 9, n. 17 p. 7-18. 2007b.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 92-123.

DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Textos e Identidades**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 91-132.

MAIA, P.. **Casa de milhões construída com paus de lenha**. O Povo, Fortaleza, 13 jun. 1953. p. 8.

NOBRE, L. **Casa do Português – Vila Santo Antônio de José Maria Cardoso**. 2010. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2010/06/casa-do-portugues-vila-santo-antonio-de.html> >. Acesso em: 20 ago. 2015.

RODRIGUES, D.. Patrimônio cultural, Memória social e Identidade: uma abordagem antropológica. **UBIMuseum**: Revista online do museu de lanifícios da Universidade da Beira Interior, v.1, n. 1, p. 45-52, maio. 2012.

SAUER, C. O.. A Morfologia da paisagem. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004. p. 12-74.